

JORNAL DO BRASIL

Brasil segue Argentina no caminho da estagnação

Um espetro ronda hoje as cabeças de alto funcionários do governo, inquieta os especialistas em administração estratégica, assusta os empresários nacionais e afugenta o capital estrangeiro: o Brasil corre o risco de entrar em um processo de estagnação econômica e envelhecimento precoce da sua indústria semelhante ao que no meio deste século abateu a Argentina. A preocupação é tão insidente hoje no país que foi criado para defini-lo uma expressão nova: a "argentinização do Brasil".

Andrea Calabi, o secretário do Tesouro, é uma das cabeças que andam com esta idéia fixa. Ao final de uma longa conversa sobre o dilema do déficit público, Calabi resolve deixar claro que o déficit é a ponta do problema central: "o mais importante problema brasileiro é a falta de investimento de longo prazo". A argentinização do Brasil na conceção de Calabi viria basicamente pela perda de fôlego da economia brasileira asfixiada pela falta de fonte de financiamento.

"Sempre acreditamos que estávamos fadados a ser uma grande nação e que, independente do presente que tivéssemos, estava-nos reservado um grande futuro. Esse futuro, entretanto, não está assegurado", alerta Michal Gartenkraut, secretário-geral do Ministério do Planejamento, e outro dos economistas do governo que anda elaborando sobre a tese da argentinização. Quem melhor define o que vem a ser esse processo é o presidente do IBGE, Edson Nunes, "é mais ou menos como olhar para Itaipu daqui a trinta anos como se olha para o metrô de Buenos Aires", ou seja, uma sensação de que um grande futuro aguardaria nação tão arrojada. Argentinização seria assim um processo que paralisa o desenvolvimento, mata o dinamismo por inani-

ção e condena o futuro às glórias do passado.

Sinais do emagrecimento

— Um dos efeitos desse processo é minguar o PIB. A Argentina já teve o dobro do PIB brasileiro, hoje tem um terço. Mas existem outros sinais menos visíveis do que o emagrecimento comparativo dos produtos. Menos perceptível, mas igualmente perigoso, é a mudança comportamental dos empresários brasileiros detectada pelo economista Antônio Barros de Castro. Acostumado a responder ao aumento da demanda com a ampliação da produção, o empresário do Brasil começa a seguir o caminho mais fácil trilhado pelo seu vizinho da Argentina: prefere o aumento dos preços. A diferença entre as duas rotas é que "uma gera mais renda; a outra é estagnacionista".

Ainda mais difícil de mensurar é a mudança de comportamento que leva a elite brasileira a seguir o exemplo da Argentina de depositar no exterior em bens e em moeda forte seus ativos. Um empresário do mercado financeiro chega a fazer uma conta assustadora do início desse processo de fuga de capitais no Brasil: alguns dos investidores do seu banco, que tinham no passado nada mais do que 5% do seus ativos no exterior, hoje chegam a manter até 50%.

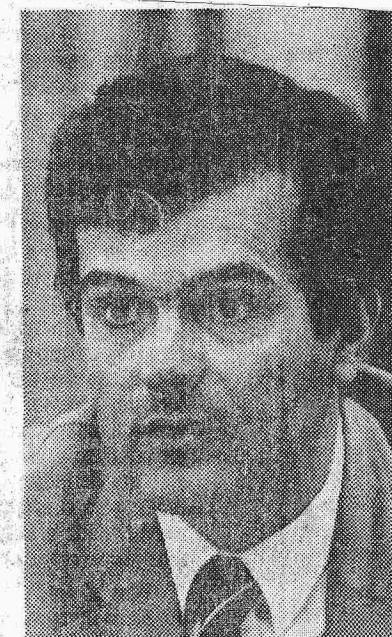
Apesar dos paralelos, o empresário Márcio Fortes prefere acreditar na força das diferenças estruturais entre as duas economias para sustentar seu otimismo de que o Brasil, não necessariamente, está refazendo o caminho seguido pela Argentina no último meio século. "Os dois países são diferentes", lembra. "A base industrial brasileira é sólida e mesmo com a falta de investimento nos últimos anos nossa produção é moderna", acredita ele.

Falta plantar o futuro

É bem verdade que a convicção de Fortes está baseada na visão do horizonte que lhe dá a privilegiada janela do BNDES, de onde saem para dinamizar a economia brasileira impulsos de — US\$ 6 bilhões por ano. E o próprio Fortes, entretanto, que admite: "este foi um bom ano de investimento, mas não foi um bom ano na plantação do futuro". Os recursos do segundo maior banco de fomento do mundo foram destinados quase exclusivamente para a produção de caminhões, autopeças, relógios, sapatos, enfim, bens de consumo. Poucos foram os projetos de longo prazo destinados a sedimentar um novo salto da industrialização brasileira.

Os empresários que procuram o BNDES nos últimos tempos com projetos de longo prazo na indústria de base do país, ou ainda não desenvolveram o projeto, ou avisam que o investimento não deve ser viabilizado já. São planos à espera de uma conjuntura mais clara.

Gerald Reiss, um engenheiro especializado em estratégia empresarial, está convencido de que mesmo que houvesse abundantes fontes de financiamento no país, o problema não estaria resolvido. "Não adianta tentar induzir o investimento. A roda pega é na tomada de decisão pelo empresário". Reiss acredita ainda que o perigo da argentinização fica maior porque o país não encontrou uma nova lógica para seu desenvolvimento que suceda o projeto, já esgotado, de substituição de importações. Da capacidade de encontrar a nova lógica para o desenvolvimento brasileiro depende o destino do país. "Com esse novo projeto, que passa por uma mudança total do estado brasileiro, é que se definirá se o país avança para a modernidade ou não," sentencia Reiss.



Fortes: países diferentes

Arquivo



Calabi: maior preocupação

Arquivo